



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**IDENTIDADE CULTURAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS ESCOLAS
DE MÚSICA DA ILHA DE COLARES (PA)**

Artur Jonas Marques Santos¹
Denise de Souza Simões Rodrigues²

INTRODUÇÃO

Este artigo parte do trabalho de campo que estamos desenvolvendo junto às escolas de músicas do município de Colares (PA), lócus da pesquisa de mestrado, buscando apontar para suas práticas educativas e o reflexo delas na construção de identidades culturais. A fim de fazer entender o olhar aqui pretendido, apresentamos inicialmente o interesse pelo tema, em seguida o contexto das escolas de música, alguns apontamentos sobre Identidade, Cultura e Identidades Culturais, e um pouco do campo da pesquisa, facilitando assim, a sua relação com os conceitos aqui trabalhados.

O interesse pelo tema surgiu a partir de um encontro realizado na ilha de Colares, para a apresentação e lançamento do livro intitulado “Saberes da Experiência, saberes

¹ Aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED–UEPA). Licenciado em Pedagogia pela mesma universidade, integrante do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) e do grupo sociedade, ciência e ideologia – SOCID, ambos da UEPA. Endereço eletrônico: arturjsantos40@gmail.com.

² Doutora em Sociologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-UEPA). Líder do grupo sociedade, ciência e ideologia – SOCID Endereço eletrônico: dssr@uol.com.br

escolares: diálogos interculturais”, (Albuquerque, 2016), lançado pela EDUEPA, o qual aborda os diversos saberes da região, como os religiosos, os poéticos, os ambientais e como estes dialogam com as escolas locais. Na ocasião, foi percebido que os integrantes de escolas de música de diversas localidades ressaltavam que seria interessante, também, destacar os saberes que circulam nesses espaços, pois as escolas de música são tradicionais, quase centenárias, por todo o município de Colares.

A partir desse momento, o interesse pelo tema das atividades que envolviam as comunidades nas escolas de música cresceu. Porém, foi através das disciplinas “Cultura, Saberes e Imaginários na Educação na Amazônia” e “Teoria Social e Educação”, ambas do PPGED-UEPA, que se configurou a estrutura desta pesquisa. Pois as discussões no decorrer das aulas sobre temas como “memória”, “construção do imaginário”, “identidades culturais”, entre outros, impulsionaram ainda mais tal interesse, possibilitando ampliar a concepção de Educação para além do institucional, além dos muros de uma escola, que reconhece os saberes culturais de um determinado espaço e grupo, suas práticas educativas e seus meios de sociabilidade.

CONTEXTUALIZANDO AS ESCOLAS DE MÚSICA EM COLARES (PA)

Assim, é das escolas de música das comunidades desta ilha que nos interessa falar, visto que estas podem se destacar por estarem inseridas em comunidades rurais, longínquas da sede do município e da região metropolitana de Belém, mesmo assim desenvolvem atividades há quase cem anos na região, mantendo todo o respeito de quem conhece seus trabalhos que, em sua grande maioria, tem a frente os mestres da comunidade que mediam saberes nas escolas de música há gerações, o que nos faz inferir a existência de uma história de tradição vinculada a estas escolas.

Pontuamos, então, brevemente uma contextualização acerca do quantitativo de escolas de música na Ilha de Colares e seus respectivos anos de fundação: na sede do município temos a escola de música Vereador José Queiroz Saldanha, fundada em 1948, pertencente à Associação Beneficente Prof. Luiz Gama; e escola de música Nova Harmonia, fundada em 21/09/2105, pertencente à Associação Artística Cultural Nova Harmonia. E na zona rural do município, temos: a escola de música Novos Talentos, fundada em 29/06/2005, pertencente à Associação Cultural Novos Talentos em Genipaubá da Laura; a escola de música Treze de Maio, fundada em 13/05/1997, pertencente à Associação Beneficente e Cultural Treze de Maio em Maracajó; a escola de

música Lira Nova, a mais antiga, fundada em 15/11/1922, pertencente ao Clube Musical Lira Nova em Mocajatuba; a escola de música Quinze de Agosto, fundada em 15/08/2006, pertencente a Associação dos Filhos e Amigos de Juçarateua (AFAJ) em Juçarateua, fundada em 23/11/1990, sendo dirigida por um músico da comunidade de Mocajatuba, apresentando hoje dois pólos: na comunidade de Piquiatuba e outra na comunidade quilombola de Cacau, e a escola de música Professor Abelardo Pereira, fundada em 15/11/2013, pertencente a Associação Cultural Clube Professor Abelardo Pereira em Candeuba. Além dessas, nas comunidades de Guajará e Aracê alguns músicos e moradores locais estão articulando a criação de mais escolas de música para suas respectivas comunidades.

Todas estas escolas de música estão em pleno funcionamento, tendo como possibilidade pensar a educação que parte de suas experiências, conforme Bondía (2002) ressalta, deve-se pensar a educação a partir do par experiência/ sentido, onde experiência não é informação, opinião ou pacotes organizados, como se observa através do currículo escolar atualmente (que são numerosos e curtos) escasseando tempo devido ao trabalho excessivo, mas o saber que se adquire cotidianamente com alguém ao dar respostas aos acontecimentos ao longo do dia e de sua vida, valorizando seus saberes, sua cultura.

Vale ressaltar que além dessas comunidades citadas acima a sede do município de Colares é composta pelos seguintes bairros: Centro, Maranhense, São Francisco, Humaitá e Bacuri. As suas localidades ou zonas rurais são: (Genipauba da Laura, Maracajó, Mocajatuba, Juçarateua, Piquiatuba, comunidade quilombola de Cacau, Candeuba, Guajará e Aracê estas nove comunidades já foram citadas acima por possuírem escolas de música ou estarem as estruturando), segue as demais: Ariri, Fazenda, Jacaré mãe (ou Jacaremanha), Itabocal, Acapu, Ururi, Itajurá, Santo Antonio de Colares, Jenipaúba de Colares, São Pedro, Vila União, Santo Antonio de Taupará, Terra Amarela e Cumií.

Estas localidades apresentam os mais diversos saberes, tais como: poéticos, ambientais, da pajelança, lúdicos, entre outros, pois os moradores e moradoras desta ilha consideram todos como saberes, culturas populares. Conforme Albuquerque (2016),

o investimento em uma prática pedagógica atenta aos saberes culturais locais reveste-se de suma importância para a realidade amazônica cujas especialidades, quase sempre, são marcadas por contradições. Em um mesmo território é possível encontrar formas diferentes de apropriação e uso de recursos, algumas servem somente para dar sustentação a

lógica capitalista, outras, sustentam a reprodução histórica de um modo de vida local. (p. 27).

Diante deste universo de escolas de música, é viável considerar aqui o papel fundamental das práticas educativas por meio das atividades musicais nas escolas de música no município de Colares (PA), numa dimensão socioeducativa e cultural de construção de seus movimentos artísticos e fomento à formação das identidades culturais, ao entender que estes movimentos se inserem no contexto de diálogo com os saberes das comunidades ali envolvidas. De acordo com Cunha e Fonseca (2007), práticas educativas é toda relação em que há transmissão de conhecimento de qualquer espécie, seja de caráter moral, religioso, técnico ou até mesmo escolar. (p. 02). Ressalto que o sentido de “transmissão” aplicado aqui não se aproxima ao que se critica nas práticas escolares, na qual o aluno se torna um mero receptor de um conteúdo dado pelo professor: educação bancária (FREIRE, 2011). E sim, através do diálogo e troca de conhecimentos.

Nessa perspectiva, pudemos entrelaçar as escolas de música de Colares e identidades culturais, tornando-se a formação das identidades culturais o objeto de estudo. Para isso, a pesquisa, visa investigar, a partir dos sujeitos envolvidos, o seguinte problema: o que as práticas educativas da escola de música Lira Nova, na ilha de Colares (PA), têm a revelar sobre a formação das identidades culturais de seus integrantes? E em decorrência, o estudo propõe, também: a) Descrever os saberes que circulam nas práticas educativas da escola de música Lira Nova, na ilha de Colares – PA; b) Identificar o processo de inclusão dos integrantes das escolas de música na dinâmica social em que estão inseridos; c) Traçar o perfil sócio, econômico e cultural dos integrantes da escola de música Lira Nova, assim como o processo de construção da identidade cultural a partir da escola de música.

Nesse sentido, o caminho metodológico constituiu-se como parte essencial desse processo investigativo, e sustenta os fundamentos que auxiliaram no cumprimento dos objetivos propostos, para isto trabalha-se numa perspectiva de uma abordagem qualitativa, conforme Minayo (2002) enfatiza:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21).

Assim, a pesquisa baseia-se na etnometodologia, a qual dá ênfase ao objeto estudado como produto da cultura local, considerando os sujeitos envolvidos como pessoas que têm saberes práticos para reconhecer e produzir culturalmente processos sociais. De acordo como expõe Heritage (1999), “Essa ênfase na cognoscibilidade dos agentes, entretanto, privilegia a descoberta dos modos com que os agentes sociais analisam as suas circunstâncias e podem partilhar uma compreensão subjetiva dessas mesmas circunstâncias”. (p. 323). Através de uma pesquisa de campo, foi utilizado técnicas de entrevistas semiestruturadas, tendo como lócus a escola de música Lira Nova da localidade de Mocajatuba, na ilha de Colares (PA) e como sujeitos da pesquisa os seus integrantes.

IDENTIDADE

Não há como discordar que as identidades são construídas e estão em permanente fluxo transformador. Mas as identidades devem responder a perguntas do tipo: quem somos nós como coletividade? Ou: como e a partir do que essas identidades são construídas? Em alguns casos individuais as linhas divisórias ou são inexistentes ou se embaraçam de tal modo, que a noção de pertencimento a uma cultura nacional, mesmo definida como plural, perde seu valor como viga mestra do conceito, se torna ineficaz como âncora conceitual. (RODRIGUES, p.10)

Ao se propor uma discussão teórica acerca do tema “Identidade” deve-se considerar seu termo como algo mutável e não mais estático e integral como este era percebido anteriormente, a ideia que muitos tinham sobre o conceito de identidade como algo determinado, sólido, concreto, que integrava determinado sujeito ou contexto, há muito já está sendo rediscutida esta visão neste campo de estudo. Pois o sistema mundo globalizante que envolve diversos e diferentes contextos precisa ser considerado como fator, também dessa mudança conceitual, visto que surgem diariamente formas outras de se colocar frente a esse sistema, nascendo assim, a exigência de um novo indivíduo devido a necessidade de se adequar constantemente às inovações do moderno, o que proporciona uma crise dentro do contexto social e abala pilares referenciais na vida desses indivíduos, no mundo social (Hall, 2006).

Hall faz um apanhado histórico para explicar como a questão da identidade deixa de ser algo estático e passa a se configurar dentro de uma crise, ou de uma possibilidade

de desconstrução de algo acabado, apontando três ideias de sujeitos: o “sujeito do Iluminismo” que é aquele que controla as suas razões e nada o perturba, ele construía a sua identidade, apresentando, assim, uma concepção individualista enquanto sujeito; o “sujeito sociológico”, que possui uma essência, mas interage com a realidade e com a estrutura social; e o “sujeito pós-moderno” que não possui certezas, descentrado, perdido em meio a uma variedade de referências com novas formas de representações, que são reflexo da globalização dos mercados e dos fluxos migratórios, por exemplo.

Logo, fica claro na teoria social de Hall que essas três conceituações acerca das mudanças identitárias dos sujeitos servem apenas para situar o olhar dado ao tema, visto que este será percebido e discutido tomando por base o último, o qual se coloca dentro do contexto atualmente discutido sobre transformações sociais.

Vale ressaltar que, na atualidade as redes sociais (conexões via internet), a “movência”³ que o mundo vive, caracterizam-se como atenuantes que contribuem para modificar a identidade de muitos e/ ou fazer interagir as diferentes culturas, formando assim, vários grupos identitários, balizados pelo poder e/ ou movimentos políticos aos quais estão inseridos de acordo com suas conveniências, dados os valores envolvidos, ou seja, o movimento político que está em jogo para se manterem ou sobreporem a outros dentro de um determinado contexto social. Como expressa Rolnik, (1996):

A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos desta profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos. (p. 01).

Os alunos e as alunas das escolas de música em Colares são oriundos, em sua grande maioria, de famílias menos favorecidas economicamente, exercem as mais variadas tarefas cotidianamente, como: apanhadores de açaí, pescadores, capinadores de terrenos, ajudantes de pedreiros (quando tem alguma reforma em suas comunidades), zeladores no cemitério local, entre outras. É verdade que existem aqueles que têm uma vivência “melhor” por tomarem conta de pequenos comércios de suas famílias, mas que

³ Termo utilizado em sala de aula, na disciplina “Cultura, Saberes e Imaginários na Educação na Amazônia”, para se referir à rapidez/ mudança que ocorrem em todos os âmbitos de nossa vida nos dias atuais.

também sofrem a discriminação por morarem no interior do estado. É nesse contexto que estes jovens e crianças vão entrelaçando seu tempo com as escolas de música, além das escolas oficiais municipais e/ ou estaduais como alunos regulares. Assim como com as mudanças que emergem com a globalização e o avanço da tecnologia.

Neste sentido, Canclini (2008) observa que “bens e mensagens procedem, agora, de um sistema transnacional desterritorializado, de produção e difusão”. (p. 182), portanto estamos vivendo um momento onde somos alcançados por informações oriundas de fontes longes de nosso cotidiano. Entretanto, ainda é possível perceber que nas escolas de música prevalece à vontade desses jovens e crianças em participarem deste movimento que pertence as suas respectivas comunidades.

Oportuno ressaltar que Oliveira (2015) ao apresentar em sua obra Paulo Freire: gênese da educação intercultural, categorias fundantes para esclarecer a interculturalidade no pensamento freireano, observa que Paulo Freire:

Ao falar dos ‘oprimidos’, dos ‘condenados da terra’, dos ‘esfarrapados do mundo’, fala não somente dos pobres, mas também das pessoas discriminadas e excluídas nos diversos grupos sociais. Pessoas situadas em uma sociedade de classe e que sofrem violências ideológicas ou físicas por indivíduos e grupos sociais dominantes. Neste processo opressor são impedidos de exercerem as suas ações especificamente humanas e de cidadania. (p. 72).

Nesta trajetória, até o momento, foi percebido através das conversas e entrevistas, que os integrantes das escolas de música se veem desarticulados, oprimidos por um contexto sem auxílio no tocante à ajuda para estruturarem melhor as suas escolas. Os recursos que conseguem adquirir vêm de doações mensais (geralmente no valor de R\$ 10,00) dos próprios moradores locais através de suas associações e/ ou de rifas, bingos, bazares e quando conseguem algum auxílio com a Fundação Carlos Gomes, como bolsa auxílio.

CULTURA

Historicamente é possível observar que a ciência colocou as culturas populares como subalternizadas ou sem valor. Entretanto, estas passam a ter relevância significativa (principalmente para a pesquisa que está sendo desenvolvida), a partir do enfoque da história cultural, na qual homens ditos comuns passam a ser ouvidos, a terem voz, a narrarem à história a partir de suas vivências, de seu cotidiano, é considerado como “a

descoberta do povo” por Burke (2008). Desta forma, é possível ratificar a proposta do PPGED – UEPA, visto que é um dos poucos programas que possibilita emergir saberes invisibilizados pela ciência tradicional e ampliar nossa concepção de educação, fugindo ao tradicionalismo de restringí-la ao âmbito exclusivo da prática escolar sistematizada com um currículo pensado por aqueles que não conhecem a realidade de uma comunidade amazônica. Contrapondo esta visão de currículo, Freire (2000) enfatiza que o currículo abarca a vida de uma escola, o que nela acontece, as relações interpessoais daqueles que compõem o cotidiano escolar, principalmente no que tange a força ideológica nos discursos.

Neste sentido, o que se observa é que existe um discurso dominante no Brasil que prega a falsa existência de uma unidade nacional ao propor uma identidade cultural baseada numa pluralidade cultural, esquivando-se das diferenças culturais que o país apresenta, pautando-se num multiculturalismo liberal de esquerda, McLaren (1997), desconsiderando o processo histórico e político que formaram as diferenças culturais, diminuindo-as a questões pessoais, consoante a um pensamento etnocêntrico, onde são perceptíveis hábitos e caráter social comuns, mas assim mesmo, ocorre a discriminação, servindo apenas para conter as diferenças históricas

O cotidiano de uma sociedade demonstra a cultura de seu povo, seus valores, suas tradições, quando estes se deparam com a globalização, com as novas tecnologias, com processos de migrações etc., são afetados ou transformados. Esta transformação em sua cultura, seu modo de vida, é o que Canclini (1997) chama de “Culturas Híbridas”, ou seja, surge a partir da reconstrução/ reorganização da sociedade, por meio de uma mistura de culturas.

Nesse sentido, quando se fala do encontro entre culturas, de como isso ocorre nos dias atuais e a partir desse sistema globalizado, através de um conjunto de conexões tão rápidas e emergentes, fala-se também do que esse encontro proporciona com relação aos conhecimentos dos indivíduos, os quais conduzem a uma produção de conhecimentos novos, que não mais encaminha a certezas ou a algo permanente, assim como a memória, nesse sentido, Brandão (2002):

No espírito ou, simplesmente, nisso a que demos o nome de memória e que, para alguns, não é mais que uma alquimia de nervos, conexões no cérebro e alguns aminoácidos articulados entre as energias e a matéria efêmera dos seres que somos. Mas que outros acreditam ser uma das dimensões para além da matéria e dos seus limites. Ali, onde os fios da Vida transformados em memórias, em palavras, em gestos de

sentimentos ‘recobertos do desejo da mensagem, recriam a cada instante o mundo que entre nós inventamos desde que somos seres humanos, e com este estranho nome: cultura. (p. 16)

Ao partir deste pensamento de Brandão sobre a cultura, parto para uma reflexão de como sujeitos de cultura podemos ser. Ou melhor: será que podemos não ser? Acredito que a cultura não só nos cerca, mas nos envolve. Para Oliveira (2015) O Ser humano é criador de cultura em sua relação com o mundo, sendo, portanto, autor e fazedor da história e da cultura. (p. 78)

Nessa perspectiva de que cada ser está entrelaçado em culturas, de que a todo instante pode-se recriar os espaços e si mesmos, pode-se relacionar esse pensamento a um conceito mais amplo de educação. É o que Brandão (2002) coloca quando afirma a educação como cultura:

Tal como a religião, a ciência, a arte e tudo o mais, a *educação* é, também, uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessitura de processos e de produtos, de poderes e de sentidos, de regras e de alternativas de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidade e de crises de identificados, de invenção de reiterações de palavras, valores, idéias e imaginários com que ensinamos e aprendemos a sermos quem somos [...]. (p. 25, grifo do autor).

É válido frisar que não se pode esquecer quando falar sobre cultura atualmente de levar em consideração o contexto onde estar inserido tal reflexão, pois uma conversa, uma música, tudo está inserido num determinado contexto social e pode revelar muito! Conforme afirma Thompson (1995) ao abordar a característica contextual das formas simbólicas: “as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (p. 192).

Neste sentido, salientamos que na constituição da identidade o indivíduo tem como pano de fundo os diferentes contextos culturais e o envolvimento entre os mais diferentes indivíduos gera outro ambiente, novo, diferente, intercultural.

IDENTIDADES CULTURAIS

Canclini (2008) fala sobre a identidade dos sujeitos pós-modernos que parece ser transitória, efêmera, provisória, visto que eles procuram abarcar as informações, as vivências que chegam até eles:

As políticas culturais de cada país e os intercâmbios com os demais continuam sendo traçados como se a globalização econômica e as inovações tecnológicas não estivessem atuando, reorganizando as identidades, as crenças, as formas de pensar aquilo que é próprio e os vínculos com os outros. (p. 179).

É oportuno apontar que a partir desta colocação e quando se fala sobre identidades culturais não se deve desconsiderar uma nova ótica de conceituação que abranja as novas formas de compartilhamento entre as pessoas atualmente, não esquecendo nesta seara o envolvimento entre consumo, identidade cultural e cidadania, e o reflexo que este entrelaçamento produz influenciando o indivíduo, além de apresentar, conforme Rodrigues (2012): “a expressão do exercício contemporâneo a cidadania, não mais entendido ou aceito nos limites políticos nos quais foi inicialmente proposto e consolidado” (p. 26).

Nesse sentido, Castells (1999), indica:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas, reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelação de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/ espaço. (p 23).

Assim, podemos inferir sobre o que se chama de Identidade Cultural, ou seja, é a possibilidade que se tem de reconhecer o cotidiano, o quanto somos diferentes, o valor das nossas riquezas culturais, é a demonstração de saber afirmar/ auto afirmar-se. Sobre isso, Cucho (2002) explica:

Não se pode pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (p.176).

Contudo, ao se apontar a necessidade de conhecer um contexto, um sujeito, enfatizando o da Amazônia, por exemplo, seus saberes, sua identidade, sua cultura etc., é preciso, preliminarmente, pensar este sujeito em sua transição histórica, seus processos de transformação (de si e de seu espaço), sua resistência ao processo de colonização e essa dimensão com que se apreende por colonialidade, conforme Mota Neto (2016), quando aponta a colonialidade como um processo histórico mais complexo, que no presente designa um padrão de poder que opera através da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, o que possibilita a reprodução de relações de dominação. É preciso compreendê-lo como um sujeito de identidade cultural e, a partir daí, aprender com ele.

Quando se lê sobre as grandes conquistas territoriais que aconteceram, principalmente na história da Amazônia, a primeira atitude que o “conquistador europeu” tinha era invisibilizar a identidade cultural dos povos conquistados, assim como seus espaços e saberes, fazendo com que as pessoas “descobertas” fossem imediatamente “encobertas” pelo seu ego de colonizador e que precisavam ser adequado aos interesses de quem as dominava. (Dussel, 1993).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este artigo, indicando que há muito para se costurar frente ao tema que foi pensado e ao campo proposto aqui: escolas de música tradicionais situadas em comunidades rurais de um espaço amazônico. Logo e a partir disso urge propor nesse movimento um projeto possível de educação intercultural, que possibilite o diálogo com os mais diversos saberes, compreendendo seus conflitos, suas histórias de resistência, e caminhando no sentido de tomar as diferenças com um olhar heterogêneo para que se possa aprender com elas.

Assim, as considerações deste estudo encaminham a uma reflexão sobre as escolas de música numa dimensão socioeducativa e cultural numa perspectiva de enxergar seus espaços como um lugar de fomento para a constituição de identidades culturais e de resistências. Destacando aqui a necessidade de praticar pesquisas em educação na região da Amazônia, considerando uma relação mais próxima com os sujeitos interlocutores de tais pesquisas. Pois, não se pode mais narrar a história dessa região com um olhar de fora, é urgente que se possa construir um trabalho de investigação a partir desse sujeito, o *Outro*.

Logo, contemplo que os espaços das escolas de música representam o lócus de atividades artística e cultural, representam ainda, um espaço de criação e recriação por meio da arte, de encontros, de circulação de saberes, um espaço em que há práticas educativas, presenciadas em campo, através dos ensinamentos em ensaios, entendendo-as como trocas de saberes que não estão no âmbito da educação escolar, mas no movimento artístico das escolas de música aqui citadas, além de possibilitar que os saberes daqueles sujeitos, daquela comunidade, circulem no espaço dessas escolas de música, ocorrendo ali um entrelaçamento de saberes na constituição e apropriação dessa cultura.

Há muito ainda para caminhar e encaminhar quando se pensa, à luz da ciência, as alternativas necessárias de se alcançar estes sujeitos Outros da Amazônia e aprender com seus saberes. É preciso que se pense a ciência por uma perspectiva contra hegemônica.

Enfim, este breve estudo indicando que há muito para se costurar frente ao tema que foi pensado, e ao campo proposto aqui: escolas de música tradicionais situadas em comunidades rurais de um espaço amazônico. Logo e a partir disso, penso que urge propor nesse movimento um projeto possível de educação intercultural, que possibilite o diálogo com os mais diversos saberes, compreendendo seus conflitos, suas histórias de resistência, e caminhando no sentido de tomar as diferenças com um olhar positivo, heterogêneo para que se possa aprender com elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. (org.). **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais**. Belém: EDUEPA, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abril, 2002, (p.20-28). <http://www.br/pdf/rbedu/n19/>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade vol. II.** Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DUSSEL, Enrique. **1492 O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade.** Petrópolis, RJ: 1993.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História da Educação história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (orgs.) **Teoria Social Hoje.** Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP: 1999.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Cortez, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borba.** Curitiba, PR: CRV, 2016.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil.** Curitiba, PR: CRV, 2015.

RODRIGUES, Denise Simões. IDENTIDADES CULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE: contribuições ao debate teórico-metodológico. In: FARES Josebel Akel; RODRIGUES, Denise Simões (Orgs.). **Memória, imaginário e educação na Amazônia.** Belém: EDUEPA, 2012.

ROLNIK, Suely, **Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização.** Reelaboração de artigo publicado no caderno “Mais!” da *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19/05/96.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: editora vozes, 2007.